

# QUEM TEM MEDO DE CLARICE LISPECTOR?

Rita de Cássia Kileber Barbosa<sup>i</sup>

**RESUMO:** A escrita de Clarice Lispector desperta paixão em alguns leitores, em outros, invencível estranhamento e até medo. Depoentes deixaram sua contribuição para a pesquisa narrando seus sentimentos de gratidão e de alteração alcançados após a leitura de textos de Clarice Lispector. Ela cura porque não pretende curar: quando os leitores aceitam a mão que ela oferece, são capazes de recuperar sua autenticidade perdida e uma visão orientada para a vitalidade, para os núcleos e para a alteridade do mundo. A fim de tentar entender a maneira única e intensa que ela toca os leitores; sua escrita foi analisada do ponto de vista da teoria psicanalítica de D.W. Winnicott. Três figuras que aparecem frequentemente na obra de Clarice Lispector foram selecionadas como centrais para a investigação daquilo que foi chamado de cura: o mundo, o núcleo e a mão. Cada figura leva a outros temas importantes: o vivo e o neutro.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. Literatura. Psicanálise. Comunidade de leitores. D. W. Winnicott.

---

## WHO IS AFRAID OF CLARICE LISPECTOR?

**ABSTRACT:** Clarice Lispector's writing brings passion to some readers, in others, an unsurpassable uneasiness and even fear. Deponents let their contribution to the research talking about their feelings of gratitude and changes reached after reading Clarice Lispector's texts. She heals because she does not intend to heal: when the readers take the hand she offers, they are able to recover their lost authenticity and a view oriented to vitality, to the cores and to world's otherness. In order to trying to understand the unique and intense way she touches her readers; her writing was analyzed through D.W. Winnicott's psychoanalytic theory. Three images that often appear in Clarice Lispector's work were elected as central to the investigations which here were designated as healing: the world, the core and the hand. Each image links to other important subjects: the living and the neutral.

**Keywords:** Clarice Lispector. Literature. Psychoanalysis. Readers community. D. W. Winnicott.

---



Submetido em: 24 out. 2019

Aprovado em: 25 nov. 2019

e-ISSN 2595-7295



Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

---

<sup>i</sup> Psicoterapeuta psicanalítica e supervisora clínica. Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP, USP). E-mail: rckileber@yahoo.com

## INTRODUÇÃO

A escrita de Clarice Lispector provoca paixões em alguns leitores e em outros, invencível estranhamento. Por que o amor do leitor? E, tratando-se de Clarice Lispector e dos giros vertiginosos de que o texto é capaz, por que o medo do leitor? O artigo originado da tese de doutorado<sup>1</sup> não se ocupa do amor e do medo isoladamente, mas do amor e do medo no leitor, o amor e o medo que nascem com o texto e que marcam a experiência da leitura. Foram perguntas muito importantes: por que o texto pode amedrontar e enamorar? O problema não foi diagnosticar leitores como amedrontados ou enamorados. A pergunta mais objetiva foi: o que, no texto de Clarice Lispector, comove e ganha ou afasta e perde o leitor?

Na adoração, há uma mistura, uma fusão entre leitor e texto: ela escreve o que sinto e penso. O leitor não entra em contato com alteridade do texto, que desaparece e eles coincidem. É um amor narcísico pelo texto idealizado. E quando o texto assusta? Que medo é esse? Um dos sinais de medo é o afastamento: é um texto difícil, "uma 'viagem'", não entendo, não gosto. Neste caso, o medo do leitor se torna desprezo que leva ao afastamento do texto e não há contato algum, só estranhamento. Outro sinal de medo é o apego excessivo à angústia: ela é terrível, um soco no estômago, veja a sombra e o mal. O leitor fica tão assustado com o texto que só enxerga a parte difícil que o desestabilizou, não conseguindo entrar em contato com o texto todo, não conseguindo superar o medo inicial.

Vi, e me assustei com a verdade bruta de um *mundo* cujo maior horror é que ele é tão *vivo* que, para admitir que estou tão viva quanto ele [...] terei que alçar minha consciência de vida exterior a um ponto de crime contra a *minha vida pessoal*. (LISPECTOR, 1998c, p. 22, grifos meus).

A desconstrução clariceana leva a novos conceitos e concepções, olhares frescos para o mundo. A hipótese ousada da tese é a de que o texto, a obra de Clarice Lispector, pode curar um leitor que suportou atravessá-la completamente, apesar da angústia despertada, encontrando o texto em sua plenitude.

Como não ter medo da experiência pessoal a que a leitura convida? O medo de perder-se nas águas vivas, medo de enlouquecer? O medo que tenho de alguém também parte de mim e me desconcerta e incomoda. A impotência diante daquilo que despertou o medo, não saber o que fazer com ele depois. A inspiração é a própria autora, seguir os passos de e com

---

<sup>1</sup> BARBOSA, R. C. K. *O mundo, o núcleo e a mão: figuras da cura em Clarice Lispector?* um estudo de contos e do depoimento de leitores. 2013. 307 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. (Orientação do Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho).

Clarice Lispector, com sua obra: ela parece conviver com o medo, vivendo ora com medo e ora sem medo.

“Oh, não se assuste tanto! [...] repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse [...] servir ao nada. Eu que não me lembrara de lhe avisar que *sem o medo havia o mundo*”. (LISPECTOR, 1998b, p. 79-80, grifos meus).

Os leitores testemunharam um antes e um depois de ler Clarice Lispector, um divisor de águas na vida. Contudo, a leitura é muito exigente: pode tornar-se insuportável. O contato com o mundo vivo paradoxal faz tremer, gerando angústia confusional: confusão entre bem e mal; vida e morte; atraente e repelente, amor e horror. O mundo vivo ameaça o núcleo pessoal, a integração, e pode despersonalizar o leitor. A travessia demanda a mão de alguém, não pode ser suportada e concluída sem ela.

Na obra de Clarice, há reversibilidades entre angústia e cura: a cura é mais ou menos angustiada. Que cura é essa? Sem prescrever ou tratar: cura por tocar o que estava morto e reanimar; cura por metáforas e histórias, por palavras; cura por experimentação vicariante: viver com Clarice e em Clarice o que não viveríamos sozinhos; cura por ver e falar de um outro ângulo (desconstruir conceitos e verdades); cura por caminhos desconcertantes, mais ou menos angustiantes, paradoxais: alcançar o remédio tomando o veneno, como nas vacinas ou na homeopatia. Mas a cura pode ser vencida pela angústia. Quem daria conta de expor-se sozinho à irradiação do mundo?

## **A CURA EM D. W. WINNICOTT**

Por que Winnicott e não Lacan? A crítica literária dialoga com mais frequência e facilidade com a psicanálise lacaniana do que com a winnicottiana. Lacan entende o inconsciente estruturado como linguagem e sua clínica decorre deste preceito; enquanto Winnicott entende que embora a simbolização e a linguagem sejam fundamentais para o desenvolvimento humano, sua clínica e, portanto, a questão da cura, passam principalmente por experiências afetivas entre analista e paciente. A importância deste aspecto é tamanha que questiona até a interpretação verbal, substituída pelo manejo clínico, em alguns casos.

A experiência analítica ocorre por meio da palavra, inclusive, mas principalmente pela presença de um analista suficientemente bom. A clínica winnicottiana aborda os pacientes, de acordo com sua capacidade de elaboração, sua constituição e integração. Alguns deles precisam mais de silêncio ou de acolhimento antes de estarem aptos para trocas verbais significativas. A alteração na percepção pode se iniciar pelo pensamento e pela linguagem,

mas sua consolidação depende de experiências mutativas. A ausência de sintomas não é uma medida de saúde aceitável para a clínica winnicottiana, porque a vida precisa valer a pena, precisa ser autêntica.

A cura, em Winnicott (1999), aproxima-se do cuidado. A presença, a atenção, a personalidade real do analista, ou seja, ele ser reconhecido como um igual humano torna o próprio contato analítico curativo, em alguma medida e um forte estímulo à autocura. A questão do suposto saber, tão cara à clínica lacaniana, não tem a mesma importância na winnicottiana. O analista não pretende saber tudo, pelo contrário, abre espaço para a alegria da descoberta. O bom analista winnicottiano é aquele que permite que o paciente encontre um caminho com seu apoio.

Não pretendemos colocar Clarice Lispector no divã, nem suas personagens, nem seus narradores, nem seus leitores. Winnicott foi incluído como referência psicanalítica nesta pesquisa porque sua concepção sobre a cura, entre outros conceitos, contribui para a compreensão do fenômeno das experiências curativas de leitura.

Cada leitor tem uma experiência com o texto literário, um encontro singular, apesar das palavras, de sua materialidade. O que para um desorganiza, para outro, desafia, apoia e cura. A ficção da escritora, independente da apresentação em forma de romance, conto, crônica ou páginas de jornais, o texto de Clarice Lispector apresenta-se como alguém que provoca, desperta - mesmo não pretendendo ajudar ou curar – atingindo questões sociais, culturais, psicológicas e existenciais dos leitores.

## ATITUDE NEUTRA

A *atitude* na Psicologia Social é uma inclinação de sentimento e pensamento que os outros humanos ajudam a formar ou desmanchar. Atitude completamente neutra é impraticável, não é possível suspender todo o julgamento, inclusive porque nosso pensamento funciona discernindo, julgando. A importância da neutralização reside no desarmamento da compreensão excessivamente funcional: forma de inteligência que satisfaz o apetite por necessidades utilitárias, valor de cada um fixado como coisas de consumir e usar. No caso do texto, usá-lo para satisfazer necessidades próprias de histórias que confirmem determinado olhar para o mundo:

Eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma *atenção sem esforço*, estava sendo

uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que *fui percebendo que estava percebendo as coisas*. (LISPECTOR, 1998i, p. 41, grifos meus).

A *atitude neutra* foi inspirada na atitude que Clarice Lispector deixa transparecer em sua obra, o que inclui a alteridade na visão de objetos. Não é possível apreender o que nos supera, só tocar. A atitude neutra em Clarice desafia a intolerância: propõe-se a sentir tudo, especialmente o que for quase intolerável. A condição subjetiva e intersubjetiva da capacidade de ser neutro demanda delicadeza, mas também exigência: não ser paralisada pelo medo. Depois de encontrar o horror do rato morto, a personagem do conto “Perdoando Deus” reflete sobre seu medo e sua condição humana assustada. A atitude neutra diante do mundo libera, aos poucos, o sentimento do mundo vivo.

## FIGURAS DE CURA

A leitura sistemática da obra clariceana se tornou um caminho que passou por três estações: o *mundo*, o *núcleo* e a *mão*. A estação-conceito surgiu da leitura e são palavras frequentemente usadas pela escritora. Cada uma delas esclarece e exige as demais, resultantes da intertextualidade. São figuras do texto, figuras da leitura, *figuras da cura*, como denominamos.

Figura é a coisa sensível que depende do tempo da experiência com a obra: gradual e crescente, depende da aparição e revelação incessante, vibrando sempre algum inacabamento. Apesar de pessoal, a figura é capaz de falar a outros, uma experiência mais ou menos intersubjetiva ou compartilhada.

## O MUNDO

O *mundo* é mais antigo e maior, anterior e posterior ao “eu”; o mundo assusta porque existe e não sou eu; o mundo escapa ao corpo: é inapreensível; escapa ao espírito: é mistério; é inumano e humano; é a natureza, abriga e desabriga; é cultura, promove ou esconde a vida.

Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. [...] De manhã acordaria aureolada pelos *calmos deveres*. [...] Quanto a ela mesma, fazia obscuramente *parte das raízes negras e suaves do mundo*. (LISPECTOR, 1998d, p. 21, grifos meus).

Um mundo que só pode existir segundo o limite do meu medo, um mundo que não pode assustar nem espantar, deixa de existir. Clarice apanha os sinais do mundo de maneira tal que lembra a visada existencialista, mais do que a sociológica ou a etnológica. A investigação não termina em confessionalismo: diminuindo e perdendo o mundo ao exaltar o sujeito.

O mundo ordinário é sempre descortinado como extraordinário, indomável, não-eu capaz de retirar-me de mim. Experiências amplificadas do mundo vivo são imensas ondas de vida em que a subjetividade pode naufragar ou desaparecer.

“[...] que *nova terra* era essa? E por um instante a *vida sadia* que levava até agora pareceu-lhe um *modo moralmente louco de viver*. O menino que se aproximou correndo era um ser de *pernas compridas* e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava”. (LISPECTOR, 1998d, p. 26, grifos meus).

Sua pergunta não é: que fazemos do mundo? Mas é: o que faz o mundo de nós? E principalmente: o que fazemos do que o mundo faz de nós? A subjetividade (medo) precisa recuar para deixar o mundo passar. Semente ou ovo, nunca pedra, o centro do mundo é vivo.

## O VIVO

A exposição ao mundo torna-se uma realidade viva e transcendente, alcançada pela escritora e disponível para seus leitores. A resistência do Eu fracassou e o mundo vivo o impeliu para fora de si mesmo: nada será como antes. A realidade viva pode ser insuportável, apesar da atração irresistível que exerce: a indiferença é quase impossível.

Os mais vivazes movimentos humanos são mesmo paradoxais: o que primeiro nos desorienta pode mostrar-se o meio de uma orientação maior e mais profunda: “Perder-se também é um caminho.” (LISPECTOR, 1992b, p. 161).

Vivo estava tudo. Tudo é vivo, primário, lento, tudo é primariamente imortal. [...] havíamos endurecido a geléia viva em parede, havíamos endurecido a geléia viva em teto; havíamos matado tudo o que se podia matar, tentando restaurar a *paz da morte* em torno de nós, fugindo ao que era pior que a morte: a *vida pura, a geléia viva*. (LISPECTOR, 1999b, p. 402-403, grifos meus).

“O escuro me espiava com *dois olhos grandes*, separados. A *escuridão*, pois, também era viva. Aonde encontraria eu a morte? (...) *Tudo é vivo*, primário, lento, tudo é primariamente *imortal*”. (LISPECTOR, 1999b, p. 402, grifos meus).

“O sal, o iodo, tudo líquido, deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, *fertilizada*”. (LISPECTOR, 1998e, p. 145 grifos meus).

## O NÚCLEO

Núcleo é aquele mínimo de separação possível: eu sou eu, intransferível, sem equivalente, singular. Núcleo faiscante, irradiante, selvagem. É o grão cintilante que não pode ser adestrado: invencível, intangível e incognoscível. Ameaçador quando pisado. Está nas coisas, nas feras, nos humanos.

“[...] uma coisa que em nós é tão intensa e límpida como uma *grama perigosa de radium*, essa coisa é um *grão de vida* que se for pisado se transforma em algo ameaçador [...]”. (LISPECTOR, 1999d, p. 124-125 grifos meus).

Da figura de cura o núcleo, aproximamos o conceito psicanalítico de *núcleo do verdadeiro self* que, de acordo com Winnicott (1990), é incomunicável e inacessível à intrusão – indivisível, irradia e orienta ações. Emmanuel Lévinas (1988) afirma que paradoxalmente, o eu só cai no sentimento de si próprio quando antes caiu no sentimento de um outro eu, alguém que não sou eu. Apenas o outro ou o mundo pode trazer o sentimento inacessível de si para si.

“O espírito, através do corpo como meio, *não se deixa contaminar pela vida, e esse pequeno e faiscante núcleo é o último reduto do ser humano*. As feras também possuem esse núcleo irradiante, tanto que elas se conservam *íntegras, indomesticáveis e vitais*”. (LISPECTOR, 1999a, p. 425 grifos meus).

## A MÃO

Em *A paixão segundo G.H.*, em momentos inesperados, comoventes, a narradora pausa a narrativa para pedir ou dar a mão ao leitor. O medo do mundo parece menor, menos desintegrador, aliviado pela figura da mão de mais alguém, a mão de outrem. Supor uma escrita de Clarice Lispector preocupada apenas com o amadurecimento individual implicaria a despolitização de sua Literatura e recusa do sentido ético do seu itinerário. Não se trata disso.

“Dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria.” (LISPECTOR, 1998c, p. 17). À figura de cura a mão, aproximamos o conceito winnicottiano de *holding* (1982): é o que numa pessoa encoraja outra. A presença de alguém nos ajuda a estar só e a suportar dores

e desafios pessoais. Já a ausência do outro, o isolamento social, pode desalojar, desmoralizar, excluir, como Clarice mostra com seus personagens de mendigos, bandidos e loucos.

“Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão.” (LISPECTOR, 1998c, p. 17).

“Oh pelo menos no começo, só no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. [...] Logo que puder dispensar tua mão quente, irei sozinha e com horror”. (LISPECTOR, 1998c, p. 18, grifos meus).

## MÉTODO: ATITUDE NEUTRA E DEPOIMENTOS

A atitude neutra diante do mundo identificada nos textos de Clarice Lispector, um estado intermediário, *estado neutro*, poderíamos aproximar do conceito psicanalítico de *espaço transicional* (WINNICOTT, 1975): uma área que não está exatamente na realidade, mas se apoia nela, e não é completamente subjetiva, depende da materialidade do mundo externo. É um encontro, um ponto de intersecção entre a realidade subjetiva e a objetivamente percebida. No conto “Encarnação involuntária”, a personagem imagina-se vivendo a vida e a maneira de ser de pessoas que despertam seu interesse. Ela compartilha com o outro sua visão de mundo, por alguns dias, do ponto de vista deste outro e depois, volta para si mesma, enriquecida pela experiência.

Já sei que só daí a dias conseguirei recomeçar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe, *talvez nunca tenha sido própria*, senão no momento de nascer, e o resto tenha sido encarnações. Mas não: *eu sou uma pessoa*. E quando o fantasma de mim mesma me toma – então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra. Depois enxugamos as lágrimas felizes, meu fantasma se incorpora plenamente em mim, e *saimos com alguma altivez por esse mundo afora*. (LISPECTOR, 1998f, p. 152, grifos meus).

A narrativa de Clarice Lispector parece deixar três fortes procedimentos que nos inspiraram na interpretação de sua obra:

- **Exposição ao mundo e a outrem:** a exposição à obra pede a atitude, quanto possível, neutra;
- **Comunidade com os outros:** a identificação de pontos em comum com fortuna crítica e leitores diversos, uma comunidade com harmônicos e dissonantes que nos auxilia a sair do isolamento na leitura. Poder e aceitar variar segundo a variação do mundo e a variação pelos outros constrói discursos mais válidos;

- **Voz própria:** a leitura singular precisa aparecer ativamente, sob pena de deixar interpretações só repisadas sem nenhuma autoridade, originalidade e influência sobre novas interpretações.

A interpretação da obra de Clarice se assemelha a um mergulho. Para Benedito Nunes (1976), parece não bastar um mergulho ou a imersão – Clarice Lispector deseja o naufrágio mesmo. Nas imersões clariceanas, com seu anseio por silêncio e fusão, ela busca a voz impossível, sem o falante e que fosse feita de só falar o ser. Mas também é visível seu gosto pela multiplicidade das fisionomias e das vozes.

A explosão neutra do vivo muitas vezes enfraquece e vence a experiência das formas separadas, fazendo variar o contato entre o mundo e os núcleos:

a) a **fusão, a reversibilidade:** em “Perdoando Deus”, a personagem se mistura ao mundo, é a mãe de Deus. O susto apavorado que viveu diante do rato morto a retirou do estado fusional, levando-a a uma integração importante;

b) a **separação:** em “Os obedientes”, os personagens vivem vidas paralelas, repletas de incompreensão de si e dos outros, apesar da proximidade;

c) a **comunhão:** em “Encarnação involuntária”, a narradora brinca de alteridade, sai para viagens enriquecedoras e volta para si, sem mistura fusional.

Clarice suspende o julgamento automatizado do mundo, como José Américo Motta Pessanha (1989) assinala e faz uma *epoché* clariceana: o emudecimento de racionalizações tradicionais e o entendimento rotineiro dos objetos, uma operação que Clarice provoca no olhar do leitor para si, para o mundo e para o outro. De acordo com Carlos Felipe Moisés (1989) ela realiza também um *descascamento fenomenológico*, apreendendo cada objeto em sua íntima e intransferível individualidade, passando por camadas de compreensão. Seguindo os passos das técnicas clariceanas de interpretação do mundo, podemos distinguir alguns procedimentos:

- 1) Abrir-se, estranhar o texto e perceber peculiaridades;
- 2) Evitar causas invisíveis (ênfase do intérprete) e efeitos mecânicos (outras leituras e interpretações), ouvindo e dialogando com o texto;
- 3) Evitar hierarquização prévia dos episódios (ler diversas vezes até compreender o que se destaca no texto);
- 4) Observador tão forasteiro quanto participante (atitude neutra mas com visão singular).

## ANÁLISES DE DEPOIMENTOS

O principal critério para a seleção dos leitores entrevistados foi a iniciação na leitura de textos de Clarice Lispector e que fosse neles reconhecível profunda gratidão pelo texto da autora.

Temáticas:

- Primeiro contato com a obra da escritora;
- Contatos posteriores;
- Aspectos específicos de cada leitor;
- Textos citados;
- Figuras de cura identificadas;
- Frase que revela a cura.

### CAMILLE

**Primeiro contato com a obra de Clarice Lispector:** Chocante (sic). Leu um livro obrigatório para o vestibular, *Perto do coração selvagem* e achou estranhíssimo, não entendeu nada.

**Contatos posteriores:** achou intrigante e encantador. Leu *A paixão segundo G.H.* Com a ajuda da professora, a mão do outro. Este livro levou à leitura e aos 21 anos posteriores de trabalho com a autora. No conto “O búfalo”, destacou o cotidiano e a voracidade na obra de Clarice e no conto “Amor”, também leu a voracidade.

**Aspectos específicos:** no doutorado, continuou buscando entender *A paixão segundo G.H.* Ela disse que a leitura é uma experiência estética e emocional incômoda, mas identifica a obra como um caminho para a escritura de Clarice Lispector. *A paixão segundo G.H.* a tocou pessoalmente no seu medo de fazer travessias, mudanças, experiências mutativas, e de ver o lado “sombra”, parar de negá-lo. Percebe que Clarice deixa de ver o grandioso para ver a poeira, onde estão as pulsões psicanalíticas. Dá atenção para os detalhes, delicadezas, espantos e excluídos: domésticas, loucos, cego. Acredita não ter lido bem o romance *O lustre*. Achou chato ou estranhíssimo. Não gostava das crônicas, tinha preconceito com textos “menores”, mas acabou trabalhando com eles no mestrado e percebeu a mesma escritora dos contos nas crônicas.

Camille disse que Clarice tem o discurso nas mãos, do ponto de vista formal e do conteúdo. A sua obra não é confessional, nem feminista, nem intimista: não aceita fôrmas.

Não vê apenas melancolia nos textos de Clarice, mas alegria e sente gratidão por eles. As pessoas falam que ela não tem consciência social, mas consciência social é consciência do humano e ela tem, na obra toda. Clarice exige confronto com verdade da vida, com as coisas simples: a alma selvagem das coisas? Chama a atenção para a domesticação da nossa alma selvagem.

Ela não se esforça para agradar, tem humor. Clarice cita outros autores e nos leva até eles: abre a leitura para os leitores. A obra toca leitores de olhos livres, olhar aberto, alma sem medo de conhecer estranhezas.

**Textos citados:**

Contos: “O búfalo” (*Laços de família*), “Amor” (*Laços de família*), “A bela e a fera ou a ferida grande demais” (*A bela e a fera*), “Felicidade clandestina” (*Felicidade clandestina*);

Crônica: “As crianças chatas” (*A descoberta do mundo*);

Romances: *Perto do coração selvagem*, *A paixão segundo G.H.*, *O lustre*, *A hora da estrela*.

**Figuras de cura identificadas:**

**Vivo:** alma selvagem.

**Atitude neutra:** entrega para a leitura, sem fôrmas. Ver o mais difícil significa aprender a ver com mais leveza. Clarice não escrevia para ensinar ou curar, mas por necessidade, anseio.

**Mão:** a dor exige companhia, interlocução. A obra não é inofensiva: a cura passa por aquilo que pode nos derrotar. O antídoto é feito do veneno.

**Frase que revela a cura:** Eu acho que percebo a vida e sou grata por isso, depois de conhecer Clarice (sic).

## LAURA

**Primeiro contato com a obra de Clarice Lispector:** uma amiga identificou semelhanças entre os textos de Laura e os de Clarice, despertando sua curiosidade para a leitura. As semelhanças percebidas pela amiga estavam no estilo e na temática, mas curiosamente, elas tinham em comum um impulso irresistível para a escrita e a insônia.

**Contato posterior:** A leitura da obra de Clarice Lispector foi, para Laura, um encontro intenso com alguém, com uma companheira e amiga: suas palavras a sustentaram em momentos difíceis, como numa tentativa de suicídio. Ela estava lendo *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Mais tarde, fez oficinas literárias para entender esse “poder das palavras”. Os livros de Clarice Lispector ficam na cabeceira de Laura.

**Aspectos específicos:** Clarice Lispector expunha as mais embaraçosas emoções humanas: vulnerabilidade, temor, vazio e vislumbra as sobre-humanas: o deus imperfeito que precisa de nós. Laura reaproximou-se de sua espiritualidade, após o contato com a obra da escritora.

A biografia de Clarice chamou sua atenção em dois pontos: ela costumava ficar deslocada nas festas e simplesmente ia embora e o acidente que queimou sua mão. O fato de perceber que as pessoas têm suas idiossincrasias, encorajou-a a olhar para suas necessidades e desejos de uma maneira menos pressionada pelas expectativas dos outros.

Do ponto de vista formal, o texto clariceano é cuidadosamente escrito e respeitoso. A simplicidade revela ideias bem trabalhadas. O texto não é hermético, apesar de inovador: ele se abre para quem se entrega a ele. Ler Clarice Lispector pelo roteiro de comentaristas pode influenciar de maneira incômoda e distanciar da leitura singular.

Durante a leitura de *A paixão segundo G.H.* percebeu mais uma experiência corporal do que epifânica, aproximando a paixão de G.H. da paixão de Cristo, onde o corpo é imolado. Ao invés de limpar, ingere o impuro, o nojento: negar a sujeira nos afasta de forças que mantém a vida e o mundo vivo: o nojo me fecunda.

Laura atenta para o que a psicanálise chama de impulsos agressivo-sexuais e sexuais-agressivos no texto clariceano: o cavalo que come na mão da personagem sugere confiança no trato com animais e com nossos impulsos primitivos. Ela não teme o cavalo, assim como não teme o animal que habita nela.

Laura leu esperança em Clarice Lispector: a esperança exige desapego das aflições do presente, apesar do medo do desconhecido que qualquer ação desperta. Quando a esperança é adiada para o futuro, enfraquece a resistência presente à mudança.

**Textos citados:**

Romances: *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, *A paixão segundo G.H.*;

Crônicas: “A via crucis do corpo”; “Minha truculência” (*A descoberta do mundo*);

Contos: “Uma galinha” (*Laços de família*).

**Figuras de cura identificadas:**

**Mão:** Clarice me deu a mão num quarto escuro e me apontou uma porta (sic).

**Núcleos singulares e indevassáveis:** há lugar para idiossincrasias no mundo.

**Atitude neutra:** o texto se entrega para quem se abre para ele.

**Mundo vivo:** proximidade com o mundo por meio do nojo.

**Frase que revela a cura:** Quando Clarice dá a mão, é preciso estender também a nossa em sua direção, querer ver, ouvir, ser honesto com os próprios sentimentos, tornando viável alguma cura (sic).

## MARGARIDA

**Primeiro contato:** ela identificou três começos: o primeiro na escola. Leu um resumo que não significou nada. Na faculdade, despertou interesse, mas só passou a ler mesmo quando ganhou um livro do namorado: *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Seguindo os caminhos de Lóri e de Ulisses, questionou-se e disse que aprendeu a se relacionar, saindo de si para encontrar-se por meio do outro – paradoxo comum nos leitores clariceanos.

**Contatos posteriores:** Tentou ler *Água viva*, mas abandonou o livro porque o achou desrespeitoso, um fluxo de pensamento sem sentido. Mais tarde, deu outra chance ao livro e seguindo as sugestões da escritora, entregou-se ao texto, prosseguindo mesmo quando ele escapava ao entendimento e descobrindo um plano maior de revelações, onde o texto fala até mais profundamente.

**Aspectos específicos:** em *A maçã no escuro*, Margarida destacou o trecho: “um homem tinha uma vez que desistir. E só então poderia viver como ele agora vivia, na latência das coisas” (LISPECTOR, 1978, p. 83). Desistir de um dever sentido como opressor e vazio para resgatar-se, recuperando sombras e segredos, longe dos holofotes. Ainda no romance *A maçã no escuro*, ela encontrou que o amor vem junto com o medo de amar. As lutas contra o amor já são o próprio amor. Amor é abertura para o mundo, para o outro, entrega sem orgulho e capacidade de transformar sacrifício em oferenda. Amor que pode vencer ou ser vencido, como no caso das personagens Ermelinda e Vitória, respectivamente.

Na crônica “Mineirinho”, o erro só seria precioso se fosse uma oportunidade de alteração, de mudança depois da experiência malsucedida. Se não se assustar demais com eles, podem ser aproveitados como degraus no percurso. Fazem sofrer, mas fortalecem e talvez curem.

Margarida disse que o texto de Clarice Lispector se destina a alguém como interlocutor, não apenas como um receptor, o que mantém a obra viva, inspirando múltiplas interpretações.

### **Textos citados:**

Romances: *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* e *A maçã no escuro*;

Crônica: “Mineirinho” (*Para não esquecer*);

Outros: *Água viva*.

**Figuras identificadas:**

**Atitude neutra:** continuar lendo, mesmo sem entender, até brotar ou desenvolver uma compreensão.

**Mão:** texto como interlocutor.

**Mundo vivo:** abrir-se ao outro e ao mundo para retornar vivificado para si mesmo.

**Frase que revela a cura:** O processo curativo pode ser despertado, mas seguir com ele será sempre uma escolha (sic).

## AURELIANO

**Primeiro contato:** a leitura do romance *A paixão segundo G.H.* foi sentida como um contato pessoal. Não comentava com ninguém, foi uma experiência, sentiu-se participante, caminhando com a escritora, mais do que identificações passageiras com trechos do texto. Viveu uma verdadeira validação de sentimentos e caminhos que se não fosse pelo texto de Clarice Lispector poderia ter ficado no lugar de pessoa perturbada, sentindo-se “doido”. O texto protegeu-o da desmoralização.

**Contatos posteriores:** foi tocado pelas imagens de pintinhos e do cego. Para Aureliano, Clarice Lispector trazia o horror e também o cotidiano quase banal, que nada tinha de inofensivo: conversa diretamente com nossas fragilidades e imperfeições.

**Aspectos específicos:** Clarice escrevia para existir e ele tornou-se seu leitor por necessidade existencial. Aureliano afirmou que o sentido da vida não dispensa nossa responsabilidade, decisão, ação e liberdade e assim, o texto clariceano não nos leva apenas a pensar, mas a viver. A leitura de Clarice Lispector é tão angustiante quanto a existência: crua, pouco explicativa, visando às entranhas do ser, alcançando o que é primitivo e universal no humano. Tal angústia despertada pelo texto pode levar tanto à desorganização tranquilizada, quanto à desorganização intensificada.

*A paixão segundo G.H.* trouxe questões metafísicas, disse Aureliano, em acordo com Alfredo Bosi, e se afasta de questões psicologizantes. Não enfatiza o “eu” em relacionamento com o outro ou consigo mesmo, desligado do mundo.

Ele não acredita que qualquer leitor possa ser alterado pela leitura de Clarice Lispector. Pensa que o texto clariceano é para quem já foi exposto a questões metafísicas e não lê buscando apenas uma história, mas uma experiência. O leitor pode aprender com o texto como deve lê-lo, formando gradualmente sua alma. Clarice formava almas validando e integrando angústias.

**Textos citados:**

Romance: *A paixão segundo G.H.*;

Conto: “Amor” (*Laços de família*).

**Figuras identificadas:**

**Núcleo:** o Ser único que só existe no mundo.

**Mão:** validação para ser capaz de enfrentar o mundo vivo.

**Frase que revela a cura:** Eu me senti menos louco, eu me senti mais no mundo (sic).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura da obra clariceana buscando o que cativa e o que amedronta o leitor foi inspirada nos passos da própria escritora. Clarice vai ao *mundo* em *atitude neutra* e nos convida a fazer o mesmo. Ela entra no *espaço transicional*: o mundo *vivo* de Clarice é o mundo revelado pelo seu olhar, eliminando camadas de leitura cotidiana sobre os objetos e chegando em sua intranferível singularidade, nos seus *núcleos*. O *núcleo do verdadeiro self* explica a natureza delicada da unicidade clariceana, que assim como o grão de *radium*, deve ser protegido, deve ficar isolado e de lá influenciar o seu redor. Apesar de o singular importar na obra de Clarice, não significa que sua obra seja psicologizante. Cada texto com sua especificidade, uns mais, outros menos, mas tratam do humano universal, do social, do político, do ético.

A figura de cura *a mão* pode ser aproximada do conceito de *holding*, que não tem uma tradução perfeita, mas pode ser entendido como um suporte, aquilo que sustenta a fragilidade humana diante de novos desafios, o outro sem o qual as travessias não são possíveis. E a mão pode ser do leitor, da amiga e inclusive a da escritora. A mão é o apoio do outro para estar e ver o mundo.

A cura clariceana, a partir dos quatro depoimentos obtidos por esta pesquisa, passou pela ampliação da percepção da vida, visão com olhos frescos; aceitação de novas verdades com sinceridade e disposição para a mudança; uma cura que é processual e que apesar de despertada pela obra da escritora, é constante. Uma das curas possíveis é sentir que uma dor foi acolhida por meio do texto e assim, ser digno de fazer parte integrante do mundo, da humanidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. C. K. *O mundo, o núcleo e a mão: figuras da cura em Clarice Lispector?* um estudo de contos e do depoimento de leitores. 2013. 307 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. (Orientação do Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho).

LÉVINAS, E. *Ética e Infinito*. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

LISPECTOR, C. A bela e a fera ou a ferida grande demais. *In: LISPECTOR, C. A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LISPECTOR, C. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992a.

LISPECTOR, C. A festa do termômetro quebrado. *In: LISPECTOR, C. A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

LISPECTOR, C. A geleia viva como placenta. *In: LISPECTOR, C. A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, C. A legião estrangeira. *In: LISPECTOR, C. A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LISPECTOR, C. *A maçã no escuro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

LISPECTOR, C. *A via crucis do corpo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

LISPECTOR, C. *Água viva*. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

LISPECTOR, C. Amor. *In: LISPECTOR, C. Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998d.

LISPECTOR, C. As águas do mundo. *In: LISPECTOR, C. Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998e.

LISPECTOR, C. As crianças chatas. *In: LISPECTOR, C. A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999c.

LISPECTOR, C. Encarnação involuntária. *In: LISPECTOR, C. Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998f.

LISPECTOR, C. Mineirinho. *In: LISPECTOR, C. Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999d.

LISPECTOR, C. Minha truculência. *In: LISPECTOR, C. A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999e.

LISPECTOR, C. O búfalo. *In: LISPECTOR, C. Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998g.

- LISPECTOR, C. *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999f.
- LISPECTOR, C. Os obedientes. In: LISPECTOR, C. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998h.
- LISPECTOR, C. Perdoando Deus. In: LISPECTOR, C. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998i.
- LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998j.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992b.
- LISPECTOR, C. Uma galinha. In: LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998k.
- MOISÉS, C. F. Clarice Lispector: ficção em crise. *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 153-160, 1989.
- NUNES, B. O mundo imaginário de Clarice Lispector In *O dorso do Tigre*. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PESSANHA, J. A. M. Clarice Lispector: o itinerário da paixão. *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 181-190, 1989.
- WINNICOTT, D. W. A cura. In: WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. Tradução: Paulo Sandler. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.